

Cenários e oportunidades para a produção familiar de suínos: o que há de novo e o que já é possível



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Suínos e Aves
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Documentos 174

**Cenários e oportunidades para
a produção familiar de suínos:
o que há de novo e o que já é
possível**

*Jonas Irineu dos Santos Filho
Jean Carlos Porto Vilas Boas Souza
Evandro Barros
João Dionísio Henn
Jurandi Teodoro Gugel
Ruimar Scortegagna
Autores*

Embrapa Suínos e Aves
Concórdia, SC
2015

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Suínos e Aves

Rodovia BR 153 - KM 110
89.700-000, Concórdia-SC
Caixa Postal 21
Fone: (49) 3441 0400
Fax: (49) 3441 0497
<https://www.embrapa.br/suinos-e-aves>
<https://www.embrapa.br/fale-conosco/sac/>

Comitê de Publicações da Embrapa Suínos e Aves

Presidente: Marcelo Miele
Secretária: Tânia M.B. Celant
Membros: Airton Kunz
 Helenice Mazzuco
 Monalisa L. Pereira
 Nelson Morés
 Rejane Schaefer
Suplentes: Mônica C. Ledur
 Rodrigo S. Nicoloso

Coordenação editorial: Tânia M.B. Celant
Revisão técnica: Cláudio R. de Miranda e Zander S. Navarro
Revisão gramatical: Lucas S. Cardoso
Normalização bibliográfica: Claudia A. Arrieche
Editoração eletrônica: Vivian Fracasso
Fotos da capa: Lucas S. Cardoso

1ª edição

Versão eletrônica (2015)

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Embrapa Suínos e Aves**

Cenários e oportunidades para a produção familiar de suínos: o que há de novo e o que já é possível / Jonas Irineu dos Santos Filho ... [et al.]. - Concórdia : Embrapa Suínos e Aves, 2015.
19 p.; 21 cm. (Documentos / Embrapa Suínos e Aves, ISSN 01016245; 174).

1. Suinocultura. 2. Agricultura familiar. 3. Economia. 4. Tecnologia agrícola. 5. Inovação tecnológica. I. Souza, Jean Carlos Porto Vilas Boas. II. Barros, Evandro. III. Henn, João Dionísio. IV. Gugel, Jurandi Teodoro. V. Scortegagna, Ruimar.

CDD. 338.162

©Embrapa 2015

Autores

Jonas Irineu dos Santos Filho

Engenheiro-agrônomo, doutor em Ciência (Economia Aplicada), pesquisador da Embrapa Suínos e Aves, Concórdia, SC

Jean Carlos Porto Vilas Boas Souza

Jornalista, mestre em Comunicação e Informação, jornalista da Embrapa Suínos e Aves, Concórdia, SC

Evandro Barros

Engenheiro-agrônomo, mestre em Fisiologia Vegetal, analista da Embrapa Suínos e Aves, Concórdia, SC

João Dionísio Henn

Zootecnista, doutor em Zootecnia, analista da Embrapa Suínos e Aves, Concórdia, SC

Jurandi Teodoro Gugel

Engenheiro-agrônomo, ex-Delegado Federal do Ministério do Desenvolvimento Agrário em Santa Catarina e atual coordenador do Sistema Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural (SIBRATER) - DATER/SAF/MDA, Brasília, DF

Ruimar Scortegagna

Bacharel em Desenvolvimento Rural Sustentável e Agroecologia, ex-Secretário Municipal de Agricultura do município de Concórdia e atual vereador, Concórdia, SC

Sumário

Introdução.....	7
Tendências da suinocultura.....	9
O espaço para o alternativo na suinocultura.....	12
Mercado consumidor.....	14
Produtos coloniais.....	15
A contribuição da Embrapa Suínos e Aves.....	15
Políticas públicas para a suinocultura familiar.....	16
As dificuldades para quem já está no mercado.....	16
Conclusões.....	17
Agradecimentos.....	18
Referências.....	18

Cenários e oportunidades para a produção familiar de suínos: o que há de novo e o que já é possível

Jonas Irineu dos Santos Filho

Jean Carlos Porto Vilas Boas Souza

Evandro Barros

João Dionísio Henn

Joel Boff

Jurandi Teodoro Gugel

Ruimar Scortegagna

Introdução

A suinocultura ocupa um espaço importante no cenário agropecuário brasileiro, sendo que as empresas que atuam no setor têm sofrido uma forte concentração nos últimos anos, resultando na formação de grandes conglomerados agroindustriais com capacidade de disputar o mercado nacional e internacional. Na etapa da produção dos suínos, existe uma presença significativa de pequenos agricultores familiares, que se relacionam comercialmente com as indústrias que abatem os animais e processam a carne no “sistema integrado de produção”. Como nas demais atividades econômicas, a principal meta a ser conquistada é o crescimento da escala, calcada em ganhos contínuos de produtividade. Logicamente que essa realidade pode ser diversa, principalmente no que tange à concentração e modelo de produção quando se observam nichos de mercado da carne suína no país.

Dependendo da tecnologia utilizada na produção dos suínos, pode existir uma desvinculação entre número de animais e área da propriedade, viabilizando criações de escala adequada, no que diz respeito às exigências de produção crescente, em pequenas propriedades. Contudo, as fases críticas da cadeia estão nos elos fora da porteira de produção, quais são:

- Abate dos animais;
- Processamento da carne;
- Comercialização dos produtos, que remunere adequadamente todas as etapas e agentes da cadeia produtiva.

Assim, é fundamental a organização dos agentes econômicos em agroindústrias de base familiar ou em cooperativas que atendam ao mercado existente ou a nichos a serem criados, vislumbrando alternativas para a suinocultura nacional. É com base neste olhar aberto que a Embrapa Suínos e Aves, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), o Inbra e a Secretaria Municipal de Agricultura de Concórdia promoveram no dia 23 de julho de 2014 o “Workshop Suinocultura e Agricultura Familiar: tendências, modelos alternativos e possibilidades de políticas públicas”.

O evento contou com a participação de representantes de produtores, agroindústrias familiares, supermercados e órgãos governamentais de pesquisa e extensão rural. Suas contribuições foram registradas e deram origem a este documento, cujo objetivo é subsidiar políticas públicas e iniciativas privadas, em âmbito local, estadual ou nacional, que busquem o fortalecimento de arranjos produtivos na suinocultura que sejam voltados à pequena escala.

Tendências da suinocultura

Nos últimos cinco anos, a produção de suínos brasileira apresentou um crescimento médio anual de 4,17 %. Mesmo que percentualmente o crescimento da região no Centro-Oeste tenha sido maior do que na região Sul, em números absolutos os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná ainda são responsáveis por 65,1 % do abate inspecionado do Brasil. Assim, não há ainda o registro de uma migração da produção do Sul em direção ao Centro-Oeste, apesar da escassez de milho na região (Figura 1).

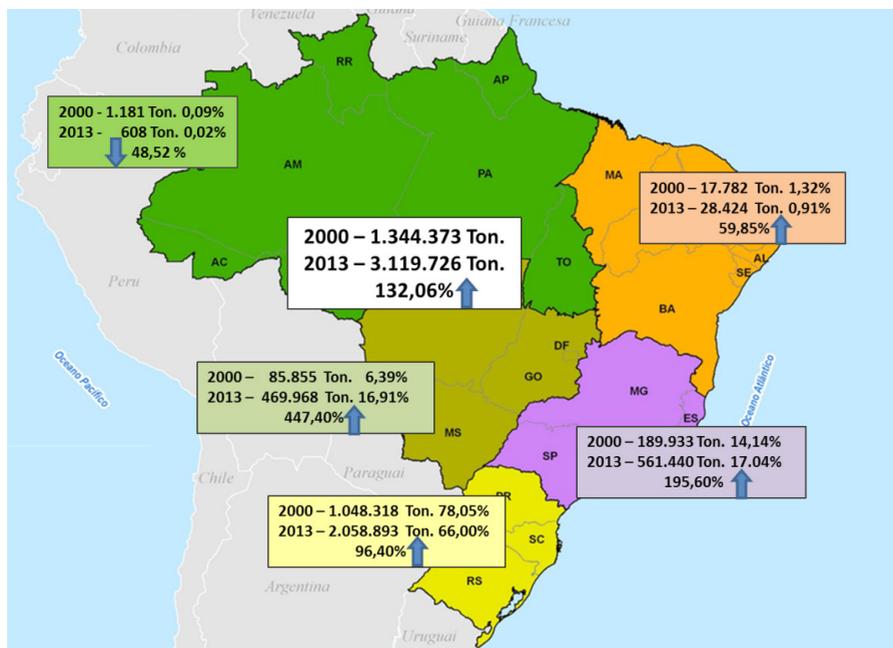
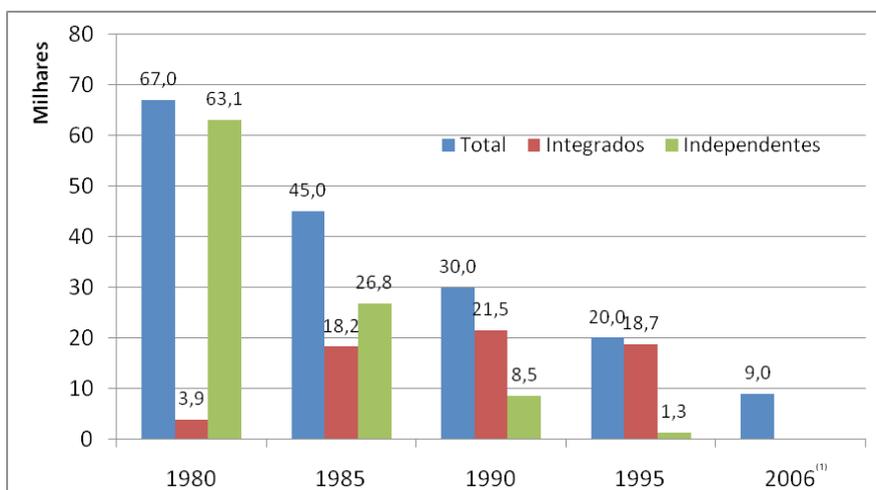


Figura 1. Evolução do abate de suínos entre os anos de 2000 a 2013.

Fonte: Cálculo dos autores com base em dados primários da pesquisa de abates municipais do IBGE (2014).

Neste mesmo período de análise, constatou-se também que o número de propriedades produtoras continua diminuindo. Dessa forma, a concentração da produção em produtores mais eficientes, com menor custo de produção e bem articuladas no mercado, continua sendo a realidade. Mesmo assim, a produção de suínos vem aumentando, indicando que o aumento da escala, juntamente com a migração dos produtores para o sistema integrado, como aconteceu nos demais países produtores, deve se manter como tendência forte para os próximos anos (Figura 2).



⁽¹⁾ A informação de 2006 foi estimada pelo autor com base em dados do censo agropecuário 2006

Figura 2. Número de suinoculturas da região oeste catarinense, entre 1980 e 2006.

Fonte: Testa et al. (1996).

Apesar de paradoxal, a tendência de concentração da produção não prenuncia que a suinocultura brasileira perderá esta característica de ser uma produção tipicamente familiar. As evidências apontam que grande parte dos produtores manterá a sua característica de organização, devido, em boa parte, aos avanços da automação. Ao mesmo tempo, é notório que parte dos suinocultores tende a deixar a suinocultura, migrando para outras atividades como a bovinocultura de leite.

Em que pese esse panorama de concentração e exclusão de produtores, persiste o interesse de parte dos produtores em continuarem se dedicando à atividade. Esse interesse é mais visível em regiões, como é o caso da região Oeste de Santa Catarina, que possui uma larga tradição na atividade, onde os agricultores estão construindo novos mercados por meio da organização de pequenas agroindústrias autônomas. Salienta-se, contudo, a necessidade do surgimento de arranjos produtivos que tenham como foco atender ao mercado final.

A manutenção da atividade na propriedade familiar e a sua expansão para fronteiras agrícolas são importantes, pois permitem a interiorização do desenvolvimento econômico e social do Brasil. Resultados de trabalhos científicos apresentados no evento demonstraram a existência de correlação positiva entre as regiões produtoras de suínos e aves e o Índice Firjan de Desenvolvimento das mesmas (Figura 3).

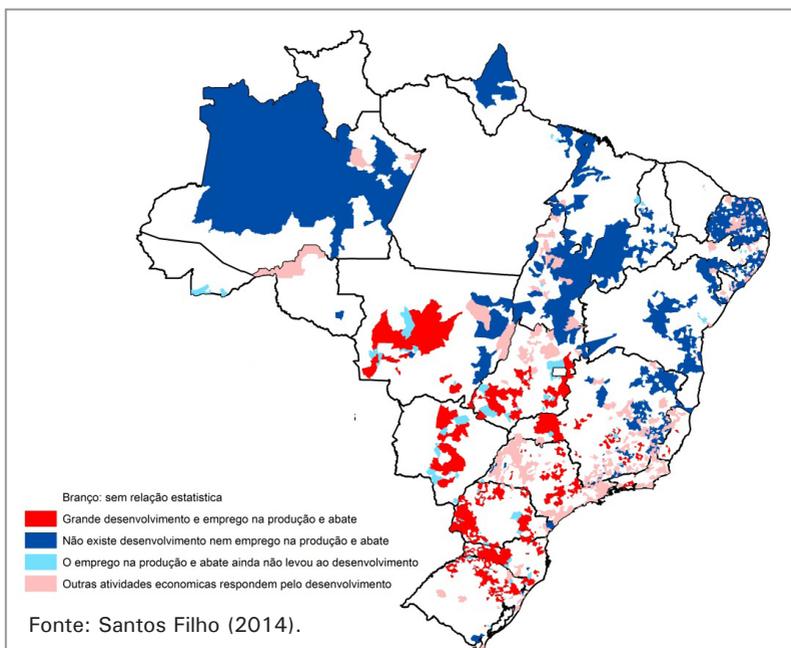


Figura 3. Relação especial do Índice Firjan de desenvolvimento e emprego na produção e abate de frangos e suínos no municípios brasileiros em 2011.

O espaço para o “alternativo” na suinocultura

O evento priorizou em um primeiro momento a discussão em torno do que significa, em termos práticos e teóricos, o termo “agricultura familiar”. Alguns procuraram associar o termo com práticas agrícolas alternativas diferentes do modelo atual de produção. A maior parte dos presentes, contudo, entendeu que a agricultura familiar é uma forma de produção direcionada ao mercado, que tem a família como cerne, elemento agregador e organizativo do negócio e da propriedade. Foi com esse entendimento que se procurou apontar caminhos para a suinocultura.

O entendimento do grupo foi de que no mercado nacional da suinocultura há espaço para produtos com qualidade diferenciada, com alto valor agregado e que atendam consumidores cada vez mais exigentes e preocupados com saúde e bem-estar. Atualmente, existem oportunidades nos grandes centros urbanos para esse tipo de produto. A indicação é de que essa demanda pode ser melhor atendida por produtores vinculados a outros tipos de arranjos do que pelas grandes agroindústrias (Figura 4).

Essa lacuna é corroborada pela necessidade de se reduzir o tamanho da cadeia de produção (e, portanto, o número de agentes econômicos participantes, antes do comprador final) para dar conta desses nichos, objetivando aproximar a agricultura familiar do consumidor, atendendo a mercados locais, regionais e programas governamentais (voltados para a aquisição de alimentos para a merenda escolar, por exemplo). Isso passa pelo desenvolvimento de novas formas de organização da produção e comercialização. É importante destacar ainda a necessidade de apoio governamental no sentido de criar linhas de crédito apropriadas para grupos de produtores que tenham interesse em criar organizações como as agroindústrias familiares. Além do crédito, esses produtores precisam de assistência técnica especializada (inicialmente para a elaboração de projeto técnico e, posteriormente, para a produção dos ani-

tecnologias capazes de diminuir o impacto dos resíduos da produção no ambiente. Obter um modelo ideal do ponto de vista econômico, ambiental e social é o desafio a ser superado e esse problema precisa ser urgentemente atacado pelas instituições de pesquisa e de extensão rural. Atualmente, o processo de licenciamento ambiental é lento e burocrático. Aliado a questões trabalhistas e sanitárias, prejudicam e encarecem o sistema de produção.

Mercado consumidor

O hábito e a característica dos consumidores vêm mudando continuamente nos últimos anos. Essa mudança, de acordo com dados de pesquisas realizadas periodicamente pelo Grupo Pão de Açúcar, é calcada numa maior exigência dos produtos quanto à qualidade, longevidade e rastreabilidade, dentre outras questões. Por outro lado, o mercado competitivo e a mobilidade dos consumidores entre canais de venda fazem com que os supermercados aumentem gradativamente as exigências sobre agroindústrias e agricultores, impondo determinadas condições de produção.

Na carne suína e seus produtos, os dados apurados pelo Pão de Açúcar mostram que os principais atributos de valoração e aceitação pelo consumidor são a higiene (ligada diretamente à segurança alimentar), seguido de aspectos sensoriais, como cor, cheiro, aspecto e aparência. Os critérios de escolha do produto são liderados pela data de validade, seguido pela aparência, origem e marca. O preço aparece apenas como quinto fator de escolha.

Os técnicos do Pão de Açúcar garantiram a existência de espaço no mercado consumidor para o produto que fuja às características da carne suína tradicional. Mas, esse produto terá que apresentar apelos como menor teor de gordura aparente, visual atrativo, odor e sabor diferenciados e um sistema totalmente rastreável, que permita ao consumidor ter a certeza das condições de produção. É preciso considerar tam-

bém a necessidade da padronização de carcaças, resultando em maior rendimento. Outra exigência está ligada ao volume e constância no fornecimento dos produtos.

Produtos coloniais

A cadeia de produção colonial possui um fator diferencial a seu favor, que é a boa imagem ligada a produtos naturais e saudáveis (mesmo que a realidade, na maior parte dos casos, não confirme este apelo). Existem grupos de consumidores que preferem esses produtos a outros sem essa característica, porém, exigem o mínimo de segurança, traduzido por certificações, SIF, etc. Outro ponto a ser avaliado é o potencial de agregação de valor em produtos cárneos que adotem o conceito “colonial”. É preciso ir além dos embutidos. Está claro que existe um bom espaço para ser explorado para carnes *in natura*. Só que esse nicho colonial terá que ter capacidade de explorar matérias-primas diferenciadas, como é o caso das carnes com menor teor de gordura, mais nutritivas e com componentes benéficos à saúde, como as enriquecidas com ácidos graxos.

A contribuição da Embrapa Suínos e Aves

Entre as instituições que podem auxiliar a agricultura familiar a usufruir de espaços alternativos na suinocultura, a Embrapa Suínos e Aves é uma das que mais possui soluções tecnológicas à disposição. Uma das possibilidades é o desenvolvimento de uma linha de produtos que tenha como apelo o enriquecimento de carne suína com ácidos graxos ômega-3. Também estão disponíveis o Sistema de Produção de Suínos em Família, o suíno light MS115 e a fêmea MO25C. A Embrapa tem capacidade de participar de arranjos produtivos que usem essas tecnologias como “âncoras” para a oferta de produtos diferenciados. Existem outras tecnologias em desenvolvimento na Empresa que podem ser incorporadas a este portfólio no futuro.

Políticas públicas para a suinocultura familiar

É necessário que os órgãos federais, estaduais e municipais, elaborem políticas públicas que viabilizem o aproveitamento das oportunidades que foram debatidas no Workshop Suinocultura e Agricultura Familiar. A iniciativa deve conter soluções para a oferta de assistência técnica, crédito e arranjos produtivos. Entre as maiores dificuldades relatadas pelos participantes do evento está a obtenção de crédito junto aos agentes financeiros. Mesmo quando os recursos estão disponíveis, as exigências burocráticas e financeiras são tão grandes que boa parte dos produtores não tem como acessar as linhas de crédito.

As dificuldades para quem já está no mercado

Foram apresentadas ainda no Workshop as dificuldades que enfrentam diariamente as pequenas agroindústrias familiares e cooperativas, sediadas na região de Concórdia, que já atuam no mercado local e regional. Entre elas estão a escassez e o custo da mão de obra, as exigências legais desproporcionais à realidade do pequeno produtor, falta de estruturas de armazenagem e logística e falta de organização desses arranjos familiares. Também foram destacadas as dificuldades para cumprir os direitos do consumidor quanto à segurança dos alimentos. Não se contesta essa necessidade, mas as pequenas agroindústrias e cooperativas deveriam contar com a parceria do poder público para atender o que determina a legislação.

Conclusões

Com base nas discussões realizadas durante o “Workshop Suinocultura e Agricultura Familiar: tendências, modelos alternativos e possibilidades de políticas públicas”, podem ser feitos os seguintes apontamentos e sugestões:

- Mesmo com a exigência de integração aos mercados e de modernização tecnológica, a suinocultura brasileira possui fortes vínculos com os estabelecimentos rurais de menor porte econômico, chamados de familiares.
- Há espaços no mercado nacional para a oferta de produtos diferenciados gerados por pequenos produtores, desde que os mesmos estejam organizados adequadamente.
- É necessário que os órgãos públicos competentes se mobilizem para ofertar aos produtores interessados o apoio necessário para o aproveitamento das oportunidades existentes, materializado na forma de políticas públicas que garantam assistência técnica, apoio para organização e oferta de crédito aos produtores.
- O Grupo Pão de Açúcar colocou-se à disposição para apoiar a construção de arranjo produtivo que permita vender produtos diferenciados de carne suína *in natura*. É possível que outros grandes grupos varejistas também abram oportunidades semelhantes.
- As tecnologias disponibilizadas pela Embrapa Suínos e Aves podem ser o ponto de partida para a construção desse arranjo produtivo.
- O MDA comentou que existem fontes de recursos para financiar a transferência de tecnologia se o arranjo for construído.
- A Epagri informou que existem agroindústrias familiares no Alto Uruguai catarinense que poderiam atender esses novos mercados, assegurando a entrega de produtos com a qualidade diferenciada descrita pelo representante do mercado varejista.
- Essa mesma oportunidade também pode ser oferecida a outras organizações familiares já existentes na região.
- Mesmo que esse arranjo produtivo não seja viabilizado, sugere-se a organização das agroindústrias e cooperativas já existentes para a compra de insumos e construção de estruturas de armazenagem e logística de forma coletiva.

- Ficou claro que o consumidor não abrirá mão da qualidade, longevidade e rastreabilidade, dentre outras questões, nos produtos a serem ofertados. Ou seja, será preciso que o produtor e a agroindústria familiar, para se estabelecer no mercado, sejam tão qualificados quanto as principais marcas do atual mercado.
- Diante deste fato, é possível que apenas uma parte dos produtores excluídos do modelo tradicional de produção de carne suína possa ser beneficiada.

Agradecimentos

Os autores agradecem a todos os 73 participantes do “Workshop Suinocultura e Agricultura Familiar: tendências, modelos alternativos e possibilidades de políticas públicas”, ocorrido em 23 de julho de 2014, cujas contribuições embasaram este documento. Agradecemos ao Município de Concórdia, através da Secretaria de Agricultura, e ao MDA que foram parceiros e apoiadores deste evento. Os autores também agradecem ao colega e amigos Joel Antonio Boff pelo inestimável e indispensável apoio na construção desta publicação. Não podemos deixar de agradecer à equipe do Núcleo de Comunicação Organizacional da Embrapa Suínos e Aves nas pessoas de Jacir Albino, Lucas Scherer Cardoso, Marisa Cadorin, Monalisa Leal Pereira e Paulo César Baldi que não mediram esforços para que o evento ocorresse. Por fim, agradecemos aos revisores deste documento que também contribuíram para o seu formato final.

Referências

IBGE. Banco de dados agregados. Pesquisas e tabelas. Pesquisa Trimestral do abate de animais. [2014] Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo9.asp?e=c&p=AX&z=t&o=24>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

SANTOS FILHO, J. I. dos. Cluster of economic development due to production and slaughtering chickens and pigs in Brazil. In: REUNIÃO ANNUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 51., 2014, Barra dos Coqueiros. **Anais...** Barra dos Coqueiros: SBZ, 2014. 1 CD-ROM.

TESTA, V. M.; NADAL, R. de; MIOR, L. C.; BALDISSERA, I. T.; CORTINA, N. **O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense**: proposta para discussão. Florianópolis: EPAGRI, 1996. 247 p.

Embrapa

Suínos e Aves

Ministério da
**Agricultura, Pecuária
e Abastecimento**

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA